



Juventude camponesa: unidade dialética campo – cidade

Luciano Benini de Oliveira¹, UNESP, oliveirabenini@gmail.com

Rejane de Souza Lima², UNESP, souzalima@gmail.com

¹ Professor, Assentado de Reforma Agrária e Bacharel em Geografia pelo Curso Especial de Geografia (CEGEO). Aluno do Curso de Mestrado Acadêmico da Faculdade de Ciências e Tecnologias - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita".

² Agrônoma, Assentada de Reforma Agrária e Bacharel em Agronomia pelo Curso Especial de Agronomia da Universidade Federal de São Carlos- Campus Sorocaba.

RESUMO

A presente discussão visa problematizar as diversas dimensões que estão relacionadas à saída ou a permanência da juventude camponesa em suas comunidades rurais. Busca relacionar elementos contraditórios que estão relacionados ao campo e a cidade, para construir a unidade dos contrários, rompendo com a crença que a juventude está deixando o campo para ir viver na cidade, sem deixar de desconsiderar os elementos que atinge frontalmente o cotidiano de todos os sujeitos que vivem no campo, pelo estigma do movimento contraditório que estabelece tensões segregatórias que cumprem papel de desqualificação simbólica, associada ao rural.

Palavras chaves: juventude camponesa, assentamentos, dialética dos contrários, invisibilidade social.

ABSTRACT

This discussion aims to discuss the various dimensions that are related to exit or permanence of peasant youth in their rural communities. Search relate contradictory elements that are related to the countryside and the city, to build the unity of opposites, breaking with the belief that youth is leaving the field to go live in the city, while ignoring the elements that frontally affects the daily lives of all subjects living in the countryside, the stigma of contradictory movement establishing segregatórias tensions that meet paper symbolic disqualification associated with rural.

Key words: peasant youth, settlements, dialectic of opposites, social invisibility.

RESUMEN

Esta discusión tiene como objetivo discutir los diversos aspectos que están relacionados con la salida o permanencia de la juventud campesina en sus comunidades rurales. Buscar Relacionar elementos contradictorios que están relacionados con el campo y la ciudad, para construir la unidad de los contrarios, rompiendo con la creencia de que los jóvenes abandona el campo para ir a vivir en la ciudad, sin tener en cuenta los elementos que afecta frontalmente la vida cotidiana de todos sujetos que viven en el campo, el estigma de movimiento contradictorias establecer segregatórias tensiones que cumplen el papel de descalificación simbólico asociado a las zonas rurales.

Palabras clave: la juventud campesina, los asentamientos, la dialéctica de los opuestos, la invisibilidad social.

INTRODUÇÃO

Há muitas certezas e incertezas no processo de reprodução social da juventude do campo. Nossas reflexões buscam compreender a mobilidade desta classe social na luta contra a invisibilidade e a reprodução social. A discussão proposta tem como objetivo dialogar com algumas análises que mostram as dificuldades e as facilidades dos jovens em permanecer no campo ou buscar nas cidades alternativas para se reproduzirem socialmente.

Para avançarmos na discussão estruturamos o presente artigo em três momentos para facilitar a compreensão dos elementos contraditórios das realidades divergentes, difusas e heterogêneas que a juventude rural está mergulhada, construída sob holofotes de dois mundos distantes, que apresentam as luzes da cidade como alternativa para a escuridão do campo, realidade que atinge frontalmente e cotidianamente dos jovens pelo estigma do movimento contraditório do desejo em comum de sair da invisibilidade social. No primeiro momento trabalharemos algumas definições construídas historicamente a respeito deste contingente populacional expressivo que é o campo temático da juventude. Em seguida passaremos a diagnosticar alguns elementos de disputa e resistência presentes na dicotomia campo versus cidade, desconstruindo consensos de naturalização das vontades da juventude, que colocam a saída do campo como algo certo, linear, pois o rural aparece como símbolo de atraso e a cidade, ao contrário, o lugar moderno o lugar para onde os jovens naturalmente querem ir. Por fim conectaremos a íntima realidade dos jovens rurais as relações do mundo globalizado que amplia as fronteiras dos desejos, vontades e sonhos do imaginário social, onde as ações locais estão norteadas por vontades externas de perspectivas perversas de construir um novo caminho com outras possibilidades de repensar o mundo.

Para nos aproximar do debate, optamos pela adoção do método materialista dialético que caminha pelo movimento histórico das interações universais refletidas na sua totalidade dos contraditórios. Movimento de transformação do pensamento humano, onde as certezas que se encontram consolidadas devem ser postas a prova, pois as verdades não são eternas. Pois a relação entre o sujeito e o objeto, se dá de forma horizontal não ocorrendo à soberania de nenhum deles.

Diante da realidade a juventude se apresenta de forma contraditória, com vivências no campo e na cidade, onde se encara o “concreto como a síntese de várias determinações diferentes e a unidade na diversidade” (KONDER, 1981, p. 45). Então a reflexão e concepção irracionalista que enquadra o fenômeno, na busca de respostas para explicar as aparências, caminha na contramão do conhecimento, pois este não é o fim, mas o início de um processo que busca de elementos que expliquem a essência do fenômeno. Para Marx:

[...] O processo da realidade só podia ser encarado como uma totalidade aberta, quer dizer através de esquemas que não pretendessem reduzir a infinita riqueza da realidade ao conhecimento [...] (MARX apud KONDER, 1981, p. 45).

CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS NO CAMPO TEMÁTICO DA JUVENTUDE.

Anita Brume (2007) detecta em sua pesquisa o aumento dos estudos sobre juventude, fomentadas pela crescente “presença de jovens reivindicando maior visibilidade e a formulação de políticas públicas geradoras de emprego, renda, educação e lazer” (BRUMER, 2007, p.1-2). Diante desta afirmação, levantaremos alguns questionamentos que nos inquietam como: O que é Juventude? Pois se recorrermos a literatura encontraremos definições predominantes e de

consenso que são rígidas pautadas na valorização e a associação a fatores físico-biológicos e comportamentos psicológicos de início e término e outras flexíveis no sentido de não se prenderem a números, mas sim ao desenvolvimento social dos indivíduos, como podemos constatar respectivamente nas definições construídas internacionalmente pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura (Unesco) “que privilegia a homogeneização do conceito a partir de limites mínimos de entrada no mundo do trabalho, reconhecido internacionalmente, e os limites previstos de término escolarização formal (básico, médio e superior)”, (GUARANÁ, 2009, p.40-41) dois elementos centrais, a garantia da idade mínima e o período de maior capacidade destes indivíduos em termos produtivos, ou seja, a idade correta para trabalharem e produzirem riquezas.

Numa perspectiva mais crítica, encontramos a juventude como a fronteira, “entre a velhice, sendo disputado pelas sociedades” (BOURDIEU, 1983. p.64), ou ainda, caracteriza-se como a “fase gradual de transição”, ou seja, o período da vida do indivíduo, onde gradualmente assume responsabilidades consideradas de pessoas adultas, iniciando-se na “puberdade até a constituição do casal e de um lar autônomo”. (DURSTON, 1994. p. 5- 14).

Nesta “encruzilhada” conceitual, a juventude é dividida e enquadrada socialmente, pois são indivíduos em “tese mais distante da morte, pelo contrário mais predisposto à vida, tendo gosto pela aventura com maior curiosidade pelo novo”. (NOVAES, 2002. p.46). Agora se aprofundarmos a reflexão sobre os aspectos históricos e temporais, perceberemos que existem várias juventudes, contrastando com distintas formas de pertencimento e realidades sociais contraditórias organizadas em classes sociais, desde “as relações de gênero, de estilos de vida, de local em que se habita, e outras diferenças tantas que nos levam a pensar até que a ideia de juventude é uma palavra vazia”, pois a riqueza da realidade, demonstra elementos que não são abarcados pelas tentativas de homogeneização do indivíduo jovem. (NOVAES, 2002. p.47-48).

Na verdade, estas definições possuem elementos intrínsecos que não se apresentam de forma explícita como as disputas sociais que estão em jogo nas definições das etapas da vida. Nas distintas fases da juventude presentes na literatura e nas adotadas pelos órgãos públicos sempre há processos construtivos, onde “alguém empurra alguém para ser jovem e não ter poder, ou alguém que está retirando alguém e levando-o a entrar na maturidade para trabalhar” (NOVAES, 2002. p.48-49), pois, o divisor de águas está atrelado aos interesses econômicos e políticos na definição das fronteiras biológicas da juventude.

Interesses normatizados essencialmente, onde a categoria juventude é construída como “identificados a um espaço de subalternidade nas relações sociais”. (GUARANÁ, 2009, p. 42-44). Trilhando caminhos *dúbios* “paradoxalmente de associação ao futuro e a transformação social”. (GUARANÁ, 2009, p. 42-44). Ou classificá-los com características de transitoriedade transferindo a estes indivíduos “a imagem de pessoas em formação, incompletas, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados”. (GUARANÁ, 2009, p. 42-44).

JUVENTUDE CAMPONESA: UNIDADE DIALÉTICA DO CAMPO E A CIDADE.

As distintas construções ilustram e demonstram como existe um movimento de padronização das definições sem considerar as diversidades sociais, culturais, econômicas e políticas das diferentes

realidades espalhadas pelos países; como igualar a realidade dos jovens do Brasil com os que moram na Síria? Que sofrem com a guerra, ou com os jovens de algumas regiões do continente africano que lutam contra as epidemias e a fome, ou ainda, os jovens do Haiti que lutam contra a desigualdade social somado as tragédias provocadas por fenômenos naturais como terremotos e furacões.

Estes exemplos mostram a dimensão escalar e a complexidade do fenômeno, nosso objetivo é exercitar a busca da compreensão dos propósitos e “pressupostos de que a verdade, em seu estatuto científico, é resultado das mais diferentes manifestações do intelecto humano, não existindo uma verdade absoluta” (SPOSITO, 2003, p.16), onde as certezas que se encontram consolidadas devem ser postas a prova, pois as verdades não são eternas. Sendo refletidas na sua totalidade a partir dos elementos essenciais, que não estão aparentes, e necessitam de uma observação didática e detalhada do fenômeno.

Pois bem, a riqueza destas realidades nos leva a questionar, os jovens em fase escolar têm os mesmos sonhos e desejos dos jovens que superam o período da escola? Estamos falando em períodos da vida distintos, onde as preocupações simultaneamente estão voltadas ao aprendizado escolar e as condições de sobrevivência são garantidas pelos familiares, ou a fase que se inicia ao término dos estudos, tendo como base a conclusão do ensino médio e superior onde a sociedade força estes indivíduos na direção do trabalho e na constituição de núcleos familiares, ou seja, estamos tratando do mesmo indivíduo? Claro que estamos estabelecendo critérios reflexivos sem levar em considerações jovens que contribuem com o sustento de suas casas, que priorizam outras atividades além da escola e não estão expostos a violência, prostituição, submissão e expostos a explícita perversidade da sociedade contemporânea.

Fazemos isto, para demonstrar a dificuldade em fixar parâmetros analíticos sobre o fenômeno da juventude, pois precisamos confrontar “as opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e contradições”, elevando o debate a um ponto de vista amplo, (LEFEBRE, 1983, p.171 apud SPOSITO, 2004, p.41), onde a diversidade social, que muitas vezes é observada pelos seus elementos aparentes, subjetivos sem considerar as relações e “os elementos que fazem parte das estruturas que compõem o movimento dialético”³ (SPOSITO, 2004, p.44), não buscam explicações na essência das dinâmicas sociais e territoriais. Para isto nossa reflexão caminha no sentido de alargar os horizontes, tendo como foco de análise os estudos sobre juventude rural. Segundo o relatório da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (Pnad), (2006), “é a população de 15 -29 anos são de 49 milhões de pessoas (27% da população total), dos quais 4,5% rurais, ou seja, 8 milhões de jovens rurais” (GUARANÁ, 2009, p.44), que sofrem “duplo enquadramento”, (WANDERLEY, 2007, p.47), com imagens pejorativas sobre o “mundo rural e as consequências desta desvalorização do mundo rural no espaço urbano”. (GUARANÁ, 2009, p. 39).

Pois estudar estes sujeitos que estão alocados nas regiões brasileiras de maiores distâncias, sem recursos e infraestruturas públicas, com baixo desenvolvimento social, econômico, nos leva a questionar; Porque os jovens ficam no meio rural? Queremos inverter a reflexão, pois a realidade

³ Entendemos o movimento dialético, a luz do acúmulo de Marx, que compreende a dialética necessariamente a noção de movimento na história, como ciência das leis gerais do movimento e do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humano. Nesse método, a relação entre o sujeito e objeto se dá de forma contraditória não ocorrendo a soberania de nenhum deles, o que pode ser representada da seguinte forma: SUJEITO ↔ OBJETO. (SPOSITO, 2004, p.44, 45,46).

é sempre mais rica do que o conhecimento que temos dela, estando esta inserida em um processo multidimensional de constantes transformações. O desvendamento do fenômeno deve ser analisado dialeticamente, onde “o todo não nega as partes, nem pensa as partes abstraídas do todo”, mas sim potencializa a contradição. (COUTINHO, apud. KONDER, 1981, p. 46). A realidade deve ser analisada nos seus diversos aspectos contraditórios, onde as aparências não sejam o fim, mas o começo do caminho para a essência dos fenômenos, para:

[...] podermos ir além das aparências e penetrar na essência dos fenômenos, precisamos realizar operações de sínteses e de análise que esclareçam não só a dimensão imediata como também, e, sobretudo, a dimensão mediata⁴ delas [...] (KONDER, 1981, p.47).

A realidade social é rica, dinâmica e multifacetada, sendo a vida dos jovens rurais fortemente marcadas pelas suas relações com a família e a comunidade, pois as “relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais” (CARNEIRO, et al., 2007, p.24). Confluências de desejos, sonhos, necessidades, vontades construídos em espaços distintos e superpostos, “trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo a experiência dos jovens rurais e a sua inserção na sociedade” (CARNEIRO, et al., 2007 p. 23). Onde muitas vezes o caminho para a realização dos sonhos é *escapar* da vida/realidade local, tanto no plano familiar quanto no plano da sociedade, esta atitude, cria uma realidade imediata, palpável, legível de aparente saída do campo. Mas não é só isto se pararmos para refletir verificará uma série de mediações que interpenetram com suas comunidades e interferem em suas realidades. A mediação mais próxima a ser reconstruída são os valores, os sonhos, os desejos dos jovens no meio rural. E as mediações subjetivas que se entrelaçam aos sonhos e as necessidades de realização destes desejos, onde são criadas certezas, necessidades que nunca são questionadas, mas sim naturalizadas e interiorizadas como necessidades pessoais, e caso não consiga romper, “não serei feliz”.

Felicidade condicionada à reprodução social que se encontra ancorada ao trabalho que gera renda e as condições necessárias para continuação nos níveis de estudo, realidade presente no Oeste de Santa Catarina, em pesquisa realizada em 10 municípios, 69% dos rapazes e 32% das moças da região desejam permanecer no campo (ABRAMOVAY, 2001, p. 26-27), mas devido à falta de condições e infraestruturas a cidade aparece como horizonte mais promissor para a reprodução, sendo forçados a migrarem. “Mas está migração é provocada menos por uma atração real das luzes da cidade que pela falta de perspectivas promissoras no meio rural.” (ABRAMOVAY, 2001, p. 26-27).

Realidade semelhante nos estudos de Maria de Nazareth Wanderley⁵ (2007), que estuda comunidades rurais nos municípios Pernambucanos, onde 19% dos jovens desejam se estabelecer

⁴ Segundo Leandro Konder, a experiência nos ensina que em todos os objetos com os quais lidamos existe uma dimensão imediata (que nós percebemos imediatamente) e existe uma dimensão mediata (que a gente vai descobrindo, construindo ou reconstruindo aos poucos).

⁵ Pesquisa realizada com 615 jovens de idade de 15 a 24 anos, que vivem nos municípios rurais de glória de Goitá (Zona da Mata Norte), Orobó (Agreste Setentrional) e Ibirimim (Sertão do Moxotó) no Estado do Pernambuco. Municípios que possuem no ano de 2000 numero expressivo de jovens nesta faixa etária, chegando a 391.591 de jovens que corresponde a 27% da população rural do estado, numa proporção de 52,9 % de homens e 47,1% de mulheres. Adotando os critérios de ver o

em locais que ofereçam oportunidades e trabalho, mas estes destinos precisam ser conhecidos e próximos aos locais de origem e que para realização deste desejo de obter oportunidades de trabalho para adquirir renda, 65% acredita que a vida no campo não possibilita a concretização das necessidades de reprodução social, onde ainda podemos constatar 42,3% acredita ser necessário o estudo para realizar seus sonhos. (WANDERLEY, 2007, p.23-24).

Nestas realidades encontramos padrões que são construídos historicamente pela divisão social do trabalho, 19,5% não pretende viver no campo, ao contrário desejam transferir para a cidade, na sua maioria mulheres (WANDERLEY, 2007, p.23-25), pois o mundo, dita vontades, desejos, necessidades nos lugares como podemos observar na pesquisa de Luis Carlos Esteves em parceria com Miriam Abramovay, que desvenda a construção de estereótipos de jovens.

Segundo a pesquisa 26,9% dos jovens afirma que a identidade visual, traduzida pela moda e pela aparência representa a principal característica dos jovens, esclarecendo a construção midiática de homogeneização e padronização dos gostos de acordo com *as modas* impostas por empresas que constroem desejos e vontades de consumo. Ainda temos com 14,6 % o quesito consciência, responsabilidade e o compromisso da juventude. Mas dentre os elementos expostos pelo quadro um chama mais atenção, 17,7% dos entrevistados sente-se vulneráveis socialmente, destes 9,6% encontram-se em condições de insegurança pessoal e social é o que melhor caracteriza o jovem na contemporaneidade, 8,1% associam isso a falta de perspectivas. (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2008. p. 6-8).

Fragilidades sociais que são constituídas nas segregações espaciais (campo atrasado *versus* cidade desenvolvida), onde uns devem ser deixados e outros espaços devem ser alcançados, não refletindo que ambos fazem parte de um mesmo Município, Estado e País. As mediações presentes e operantes na sociedade nos levam a pensar “sobre outro elemento insuprimível da realidade, as contradições, pois existem aspectos da realidade humana que não podem ser compreendidos isoladamente” (KONDER, 1981, p.48), estes estão conectadas umbilicalmente as diversas realidades globais, que se apresentam em diferentes lugares e com as mais distintas características, onde.

[...] as conexões íntimas que existem entre as realidades, diferentes criam unidades contraditórias em tais unidades, a contradição é essencial [...] sendo o princípio básico do movimento pelo qual os seres existem [...] (KONDER, 1981, p. 49).

Assim, jovens do campo são atingidos frontalmente e cotidianamente pelo estigma do movimento contraditório de viver no campo, estabelecendo tensões segregatórias que cumprem papel de “desqualificação simbólica, associada ao rural, ao camponês, a roça, ao trabalhador rural, o agricultor familiar à imagem de atraso”, (CARNEIRO, 2007, p. 129), onde segundo Pierre Bordieu: a “classe objeto”, ou seja, reproduz as construções urbanas sobre o campesinato (BORDIEU, apud. CARNEIRO, 2007, p.125).

Onde o conhecimento vivido choca-se, em seu desenvolvimento, com a necessidade de descobrir novas alternativas as suas necessidades, estabelecendo as contradições, “os aspectos e as tendências contrárias próprias de todas as coisas e fenômenos da realidade objetiva” (CHEPTULIN, 1982. p.286) o movimento da existência humana, possui tendências opostas em seu

campo como lugar de vida privilegiado, e devido à pesquisa ser realizada em pequenos municípios, estes é admitido como áreas rurais, marcados pelas relações sociais e com a natureza.

funcionamento, que nega a sua realidade e projeta no oposto sua *salvação* social, cultural, econômica e política. Pois o campo ocupa local vivido e a cidade local sonhado, materializando o desenvolvimento dos contrários “que se excluem reciprocamente e encontra-se em estado de luta permanente” (CHEPTULIN, 1982. p.287). Dois mundos que apresentam características e projetos distintos, mas não “são divergentes e não se destroem mutuamente”, pelo contrário estes mundos “coexistem contraditoriamente e estão ligados organicamente, interpenetram-se e supõem-se um ao outro, o que equivale dizer que eles são unidos e representam a unidade dos contrários” (CHEPTULIN, 1982. p.288).

Uma cidade com atrativos, principalmente em opção ao trabalho remunerado, estudo, oportunidades, lazer e infraestruturas, com adensamentos populacionais disposto de forma ora desorganizadas ora planejadas, os afloramentos das contradições sociais e econômicas saltam aos olhos, pois as desigualdades e os contrastes sociais se evidenciam como a pobreza, violência, desemprego, agitação, poluição, vida tumultuada pautada por horários rígidos. E o campo com aspectos associados às grandes distâncias, desabastecidos de políticas públicas de infraestruturas sociais, culturais e de lazer, com característica referente às raízes do modo de vida local, como os laços familiares e de amizade, a proximidade da natureza, o lugar do sossego, da paz, tranquilidade, da qualidade de vida. Realidades imediatas com distintas aparências que se entrelaçam concomitantemente aflorando as contradições e suas divergências pelo uso do tempo, que se torna responsável pela *fissura* que esclarece os motivos essenciais e a mediação dos fenômenos.

Thompson (1998) materializa esta diferenciação do uso do tempo em seu livro, *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*⁶. No meio rural, o tempo cumpre função mediadora das relações horizontais estabelecidas de trabalho com a natureza, animais e a sociedade, pois o “relógio diário” (THOMPSON 1998. p.270) é o dos animais e das plantas, “a rotina das tarefas pastoris o cultivo do campo[...] e a passagem do tempo são basicamente a sucessão dessas tarefas e a sua relação mutua” (THOMPSON 1998. p.270) . Pois o tempo está umbilicalmente ligado às coisas a serem feitas no dia, na semana, partindo sempre das maiores necessidades da família e mais imediatas, pois o

[...] Camponês ou trabalhador parece cuidar do que é uma necessidade [...]. Na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre “trabalho” e a “vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados- o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa e não há grande senso de conflitos entre o trabalho e o passar o dia [...]. (THOMPSON, 1998. p.271).

Formas de mediação que independem do lugar, se assemelham, transparecendo como modo de vida, como podemos perceber na pesquisa realizada por Pierre Bordieu, (1972), que investigou a realidade dos campos Argelinos, onde irá detalhar o modo de vida dos camponeses Cabilas em relação ao uso e administração do tempo, a.

[...] uma atitude de submissão e de indiferença imperturbável em relação à passagem do tempo, que ninguém sonha em controlar, empregar ou poupar [...]. A pressa é vista como uma falta de compostura combinada com ambição diabólica. O relógio é às vezes conhecido como a “oficina do diabo”, não há

⁶ Nosso propósito não é resgatar todos os argumentos do autor que constrói historicamente o uso do tempo e dos instrumentos que irão mediar, mas sim fazer o esforço de diferenciar os seus usos.

horas precisas de refeição, a noção de um compromisso com hora marcada é desconhecida [...]. (BORDIEU, 1972. p.270).

A negação desta realidade ocorre nos meios urbanos, pois a construção do tempo está relacionada a atitudes de verticalidade e ao dinheiro, onde são freqüentes as afirmações que valorizam a racionalização do tempo, convertido ao acúmulo de capitais, “onde costumamos dizer, de um homem que ficou rico com o seu trabalho, que ele fez bom uso de seu tempo”. (THOMPSON. 1998. p. 289-295). Pois esta ruptura está materializada no aprimoramento das técnicas para suprir a necessidade de “sincronização do trabalho e maior exatidão nas rotinas do tempo da sociedade capitalista”. (THOMPSON. 1998. p. 289-295) Estando assim, o tempo organizado fundamentalmente com função específica de disciplinar os processos “de exploração da mão de obra”. (THOMPSON. 1998. p. 289-295). Condução que percebemos claramente nos meios urbanos, que objetivam a “tentativa de impor o uso-econômico-do-tempo” (THOMPSON. 1998. p.291) onde tudo que a vida urbana possui valor de mercadoria como o trabalho, as amizades, a alimentação, a segurança, a saúde, o lazer, realidade mercadológica que provoca o choque destas “medidas com a vida social.” (THOMPSON. 1998. p.291).

Mundos com realidades e projetos distintos, mas ligados organicamente, onde ambos se entrelaçam e se interpenetra um ao outro coexistindo temporalmente representando a unidade dos contrários. “O que precisa ser dito não é que um modo de vida seja melhor do que o outro, mas que esse é um ponto de conflito de enorme alcance” (THOMPSON. 1998. p.294), e que estas realidades imediatas estão carregadas de mediações e essências que muitas vezes não conseguimos perceber, sem realizar uma reflexão da totalidade de forma aberta sem reduzir sua infinita riqueza, pois um jovem do meio rural que decide se mobilizar para passar a viver temporariamente ou definitivamente na cidade, para suprir necessidades, da sua reprodução social, que não lhe é oferecido no campo, enfrenta estas transformações de forma contraditória e não passiva, ou seja, o movimento caracteriza-se pela imediata realidade de saída do campo, mas essencialmente este jovem frente à “exploração” encontra na “resistência”, as forças para alcançar seus sonhos, “pois os valores resistem a serem perdidos, vem a serem ganhos”. (THOMPSON. 1998. p.301).

Realidade que constatamos na pesquisa realizada por Maria Creuza Gonçalves⁷ (2010), que estudou a realidade de camponeses mandioqueiros de Taiobeiras no vale do Jequitinhonha, no norte do estado de Minas Gerais, que migram sazonalmente para a capital paulista para vender sua produção de mandioca, retornando para suas comunidades nas festas religiosas e no período das águas⁸ para trabalharem em suas roças. Neste vai e vem “mantém o hábito de irrem despachando com antecedência as suas encomendas para seus locais de origem a fim de não

⁷ Pesquisa realizada com migrantes mineiros vendedores de mandioca de porta em porta no carinho de mão nas ruas da metrópole de São Paulo. A investigação foi se delineando em torno dos migrantes mineiros que se deslocam sazonalmente da zona rural do município de Taiobeiras no Vale de Jequitinhonha no norte de Minas Gerais, onde são encontrados irmãos, tios, primos, padrinhos que juntos são alojados em casas de cômodos na periferia da cidade. A forma de inserção desses migrantes na metrópole está batizada nas mudanças das condições gerais do mercado de trabalho e na forma de procurar trabalho na metrópole paulista a partir dos anos 1990.

⁸ Os mandioqueiros vão em junho para Taiobeiras, a fim de participarem das festividades religiosas das suas comunidades de origem. Muitos já ficam por lá e só retornam nos meses de janeiro a junho do ano seguinte. Outros principalmente os jovens, retornam e trabalham nos meses de julho a setembro e no início do “período das águas”, retornando a Taiobeiras para ajudarem no plantio das roças.

pesarem no ônibus no dia da viagem. Entre eles está prática comercial é muito intensa” (GONÇALVES, 2010, p. 69- 72) onde constatamos a necessidade de mobilizar-se para resistir, ou seja, a realidade contraditória de sair temporariamente para adquirir elementos que garantam a reprodução social. Constituindo um caminho de mão dupla de interligação de dois mundos, distintos, onde “enviam para seus locais de origem: roupas, dinheiro e outros objetos adquiridos na metrópole” (GONÇALVES, 2010, p. 69-72) suprindo suas necessidades de consumo no campo. Ocorre também o inverso, onde;

É comum comercializarem, queijo coalho, requeijão, fava e feijão de corda, trazidos de Taiobeiras para São Paulo ou no caminho inverso, pelos ônibus “alternativos” conhecidos por clandestinos... (GONÇALVES, 2010, p. 69-72).

Dois mundos distantes e contraditórios, com realidades divergentes, difusas e heterogêneas, mas um desejo em comum, sair da invisibilidade social, para isto, buscam fora o que não encontram nas comunidades ao mesmo tempo em que preservam sua identidade camponesa e os laços com suas origens.

Segundo, Maria José Carneiro(2007) a vida almejada pelos jovens do campo está centrada no “melhor dos dois mundos” (CARNEIRO, 2007. p.70), pois estes, não desejam a vida juvenil da cidade, tal como ela é, ou seja, “os jovens do campo não têm a vida juvenil urbana como padrão ideal, eles desejam o melhor do campo somado com o melhor da cidade”. (CARNEIRO, 2007. p.70) No entanto, conciliar as melhores sensações destes dois mundos, “não é possível realizar na localidade de origem, devido a isto, mobilizar-se para as pequenas cidades pode ser a alternativa disponível. ” (CARNEIRO, 2007. p.70). Elisa Guaraná, (2005) coloca em dúvida a mobilidade exclusiva da juventude rural, pois questiona: “será que este fenômeno não atinge os jovens das periferias urbanas”? (GUARANÁ, 2005, p.64) Na perspectiva de construção de outros projetos de vida, ou seja, as necessidades políticas, sociais, estruturais e culturais atingem estes que vivem na cidade, materializando características semelhantes entre os jovens do campo e da cidade.

Pois quando voltamos a observar a pesquisa de Luis Carlos Esteves em parceria com Miriam Abramovay (2008), encontramos jovens sem perspectiva, ficando claro que quanto maior a intensificação da urbanização maior e a falta de esperança e perspectiva no futuro. Onde 10% dos entrevistados de áreas metropolitanas possuem esta sensação caindo para 8,6% em áreas urbanas não metropolitanas, despencando para 5,5% entre aqueles entrevistados em áreas rurais, ou seja, os jovens moradores do campo possuem maiores expectativas no futuro. Apesar de todos os problemas vividos de desabastecimentos de infra-estruturas públicas.

Ainda segundo a pesquisa, está preocupação comparece como terceiro problema para os jovens do meio urbano enquanto para os jovens rurais comparece como sétimo, os dados também trazem uma informação preocupante, quanto maior os níveis de estudo menor é a sensação de perspectivas futuras, pois 14% dos jovens com ensino superior e para 11% dos que completaram o ensino médio a falta de perspectiva é a característica que melhor define a juventude. (ESTEVES, et al., 2008. p. 6-8).

Afloramentos segregatórios historicamente marcados por superações, onde sujeitos de distintos territórios lutam para romper o cerco da exclusão e a invisibilidade social, movimento contraditório onde os sujeitos se fazem e se refazem, abrindo caminhos antes impossibilitados,

pois as grandes mudanças estão carregadas de negação da realidade objetiva, mas ao mesmo tempo preservam toda a identidade que anteriormente tinha sido estabelecida, pois “a história, em seu conjunto, não é outra coisa senão uma transformação contínua da natureza humana”. (KONDER, 1998.p. 53).

Ao retomar o estudo de Maria de Nazareth Wanderley (2002), que qualifica os desejos juvenis pelas melhores ofertas “dos dois mundos” (WANDERLEY, 2002, p. 27-28) constatamos que a escolha pela vida rural não se restringe unicamente, por razões profissionais, mas se fundamenta pela avaliação positiva do próprio modo de vida e sobre os atributos da vida no campo. Pois dos 615 jovens de 15 a 24 anos entrevistados, 47,4% valoriza os vínculos locais, de amizade, vizinhança e família, 9,9%, destaca os elementos positivos e a qualidade de vida do meio rural. Somado ao afloramento das características positivas do meio rural temos ainda o argumento que a produção agrícola no meio rural favorece o “sustento” da família, ao contrário da cidade, que exige o acesso a recursos monetários. (WANDERLEY, 2002, p. 27-28)

Essências que se diluem na busca do fortalecimento da dicotomia “urbano/rural, centro/periferia, instruído/rude, erudito/popular, liberdade/escravidão, industrial/pré-industrial, moderno/arcaico, ” (MUNANGA, GOMES, 2005, p. 218) ou seja, a cidade desenvolvida e o campo atrasado, ou ainda a violência encontra-se na periferia enquanto no centro encontramos o prazer à felicidade nas lojas enquanto consumimos. Para compreendermos uma realidade contraditória, não podemos engessar a discussão e a análise, pois em tradicionais esquemas de pensamento, é corrente a minimização do segundo, como inferior ou pior, em relação ao primeiro conceito. (MUNANGA, GOMES, 2005, p. 218). Onde as definições são vistas como dissociadas, mas na verdade interpenetram, construindo-se mutuamente como parte de um fenômeno mais amplo.

Realidade que encontramos na literatura, que coloca a saída dos jovens do campo como uma problemática, com fim em si mesmo, não se preocupando com o movimento contraditório das ações, pois como referimos acima, o campo, e a cidade são contrários com características distintas, que subexistem no mesmo espaço geográfico, possuindo interdependências econômicas, produtivas, culturais e políticas, mesmo estes sendo parte territorial de um mesmo município, estado ou nação. Pois ver *o movimento puro* somente em uma direção não explica a riqueza essencial da mobilidade camponesa, onde,

[...] os valores e os novos anseios dos jovens de residência rural em face não apenas da atração que a cidade e seus bens materiais e imateriais exercem sobre eles como também, na direção oposta, em face da revalorização do meio rural por segmentos da população urbana [...] (CARNEIRO, 2007 p. 53).

É importante dizer que não é possível pensar o campo e a cidade como se fossem duas coisas isoladas, independentes, desconectadas uma da outra, pois, a intensificação em sentido duplo da comunicação com a cidade, une os sujeitos, de forma desafiadora e diversa, pois o movimento contraditório das forças capitalistas provoca fenômenos no território, que se expande por meio das sociabilidades e da mobilidade humana, e por esta razão entendemos que os sujeitos que ali vivem não estão e nem devem estar parados, fixados no campo ou na cidade, pois ao mesmo tempo jovens rurais, jovens das periferias, e de centros urbanos caminham em todas as direções em busca de suprir necessidades construídas e reconstruídas cotidianamente, influenciadas pelo *vai e vem* de informações, pessoas, bens de consumo e mercadorias dentro do território e entre os territórios, pois buscam a realização da liberdade, da felicidade que foi interiorizada e construída como condição da existência humana.

Outros sujeitos urbanos se mobilizam no caminho contrário para as áreas rurais, fugindo da agitação da cidade, da violência, do desemprego, da baixa expectativa de vida. Estabelecendo a coexistência de dois mundos, pois ambos se desenvolvem contraditoriamente e temporalmente, pois estes contrários incluem e excluem “tanto indivíduo de origem urbana e de residência rural como indivíduos de origem rural, mas com vivência urbana, seja pelo trabalho, seja pelo lazer”. (CARNEIRO, 2007 p.54).

Robinzon Lizarazo Piñeiros e Antônio Thomaz Junior, (2015), desvendam e materializam o alargamento dos horizontes no entendimento da exploração do trabalho da juventude, pois rompem a dicotomia campo/cidade, onde a capacidade de migrar dos jovens rurais somada a territorialização do capital no campo constitui uma fórmula eficiente na “proletarização dos jovens nas cidades e nas cadeias globais do agronegócio e outras formas de exploração capitalista no meio rural, sobre tudo nas atividades de mineração turismo, lazer” (PIÑEIRO; THOMAZ JUNIOR, 2015 p.7-8). Diante destas, observações percebermos a essência do fenômeno, pois a exploração dos jovens esta condicionada a sua mobilidade territorial para suprir as demandas e os padrões de acumulação do capital, nas diferentes escalas, ou seja, pouco importa o sentido imediato da mobilidade dos jovens rurais, o que determina está direção mediata é à vontade e os desejos exploratórios das empresas capitalistas, pois o sentido:

Campo/cidade: os jovens saem para as cidades (nacionais, internacionais) para trabalhar e estudar;

Cidade/campo: os que moram em áreas urbanas e rurais próximas de plantios e ou usinas e se assalariam em atividades afins;

Campo/campo: inter-regional, os que percorrem distâncias longas para trabalhar no agrohidronegocio (formais, temporários, informais, etc.) [...](Grifo nosso, PIÑEIRO; THOMAZ JUNIOR, 2015. p. 5-6).

Diante destes aspectos de impasse de classe, os jovens rurais ficam frente a frente a frente com múltiplos caminhos da “negação do modo camponês de reprodução social, ou adotar a racionalidade capitalista de se transformar em agricultores em escala empresarial ou proletarizarem”. (PIÑEIRO E THOMAZ JUNIOR, 2015. p.10). Sendo os mais pobres atingidos pelo “processo de desestruturação/ flexibilização /precarização das relações de trabalho”, (NOVAES, 2008. p.8) realidade que recebe ingredientes que transcendem as fronteiras das necessidades materiais e fixa sua essência na construção das possibilidades emancipatórias da existência humana.

A antropóloga Regina Novaes, (2008) ⁹ em seu artigo: *Juventude, juventudes. Jovens das “classes C, D e E” frente aos dilemas de sua geração*, apresenta a pesquisa com jovens de 14 a 29 anos, demonstrando que os principais motivos migratórios estão associados ao ato de trabalhar, pois 64%, necessitar deixar o campo devido às poucas condições de trabalho remunerado. Ainda afirmam que sair está condicionado a elementos constitutivos de independência, onde 55% alegam que para crescer na vida e realizarem seus sonhos precisão deixar suas famílias. (NOVAES, 2008. p. 7-8). Ficando claro que os motivos da busca pela venda da

⁹ As referidas informações são fruto da compilação de diversas pesquisas realizadas pela Pesquisadora e resulta na construção de um painel de referencia do público alvo.

mão de obra, perpassam a necessidade de ganhos para suprir as demandas materiais, tendo relação com a liberdade, pois a

[...] Visão de liberdade que se desenha no horizonte dos jovens é o caminho da integração e da ascensão social na chamada sociedade de classes, caracterizada pela autonomia de movimento e de maior segurança na constituição das relações afetivas [...]. (CHALHOUB, 2011, p. 97-98).

Em suas respostas, a maioria afirma outras motivações para trabalhar, realidade que entrelaça as motivações essenciais humanas de independência e realização. Nos levantamentos de Wanderley (2002) e Novaes, (2008) constatamos a heterogeneidade dos jovens rurais, pois enquanto no Pernambuco resistem à saída e valorizam as qualidades rurais, já no levantamento feito por Regina Novaes (2008)¹⁰ não demonstram vontade de permanecer, pois sair se coloca como uma condição da existência humana, uma necessidade para se reproduzir socialmente, ou seja, demonstram que a necessidade supera a vontade, pois devido às escassas condições de infraestruturas e políticas públicas a vida no campo se inviabiliza.

OS ATRIBUTOS METAFÓRICOS GLOBAIS SOBRE A JUVENTUDE CAMPONESA.

A envergadura e complexidade do debate abarcam elementos que estão fundamentados nas estruturas e nas políticas desenvolvidas pela sociedade contemporânea dividida em classes sociais (OLIVEIRA, 2014 p.16), elementos dialéticos que fundamentam e carregam diversos contrastes ideológicos, culturais e valores que são responsáveis pela constituição, formação e consolidação da identidade social dos jovens que vivem no campo e na cidade, pois, as dimensões escalares nesta sociedade globalizada (SANTOS, 2002. p. 67) perpassam as fronteiras que estabelecem e definem localidades urbanas ou rurais. Para Milton Santos (2002) o mundo se apresenta “seletivamente no lugar, pois está expresso a partir das ações de poder nas esferas sociais, culturais, econômicas, ambientais e produtivas, onde estas relações estão presentes no lugar e no mundo”, como analisa ainda:

[...] cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Nesse sentido, o lugar é o lugar de uma escolha. O mundo está aí e o lugar colhe no mundo atributos que o realiza histórica e geograficamente. É o mundo que se dá seletivamente no lugar. [...] (SANTOS, 2002. p. 70-71)

As ações locais estão norteadas por vontades externas, pois, o “atributo metafórico da globalização, que cumpre o papel e se apresenta como um processo real, seletivo, apresentando-se na perspectiva perversa de construir um novo caminho com outras possibilidades de repensar o mundo” (SANTOS, 1978. p. 76- 77).

A relação quase que cotidiana com o mundo globalizado e a própria conexão íntima com a realidade, cria a proximidade de mundos até então desconhecidos ou “relegados a uma distância incalculável, amplia as fronteiras do mundo da comunidade”, (CARNEIRO 2005, p.54). Processo de descoberta e redescoberta, onde os diferentes criam unidades contraditórias, materializando

¹⁰ As pesquisas de Wanderley (2002) e Novaes, (2008), analisam o mesmo objeto, mas encontram resultados diferentes. Acredito ser devido ao recorte adotado por ambas e a abordagem escalar. Pois enquanto Novaes realiza a compilação de diversas pesquisas espalhadas pelo Brasil e com diversas abordagens, Wanderley (2002) utiliza-se da abordagem escalar local em municípios que são classificados como rurais.

aspiralmente relações restritas aos mais próximos, aos mais iguais, para espaços até então não visitados ou não incluídos na rede de relações sociais do interior do limite da comunidade para com o mundo e com o mundo para a comunidade, movimento pelo qual os seres coexistem.

Realidade que encontramos na dissertação de mestrado de Eduardo Rosas¹¹, 2006, que acompanha jovens rurais, produtores de abacaxi, da cidade litorânea de Marataízes, no Estado do Espírito Santo, que alternam a produção em pequenas faixas de terra com a comercialização dos frutos na cidade do Rio de Janeiro, contrastando vivências rurais e urbanas, ou seja, o processo contraditório das descobertas de *dois mundos*. Pois no período que os jovens da roça permanecem nas esquinas da cidade grande vendendo seus frutos, suas “vidas são colocadas entre parênteses enquanto contam os dias (e os frutos) para voltar as suas casas e o convívio com os familiares e os amigos” (ROSAS, 2006, p.54). O ato de desbravar e ampliar as fronteiras da comunidade produz uma rede de relações valorizada pelos membros da coletividade, pois todos reconhecem o esforço destes indivíduos em se aventurar na garantia da comercialização dos frutos do trabalho comunitário. Como podemos observar no depoimento de um familiar, que demonstra a valorização do esforço, onde:

[...] eles saem daqui e vão para lá para vender o que a gente tem de bom e voltam mais alegres. Eles vendem os abacaxis e levam também o que a gente é, gente simples que trabalha para ter a melhor, paz e tranquilidade. A gente ta junto com eles e por isso a gente ta bem e por isso eles também estão bem [...] nunca vai acontecer nada de ruim com eles, se deus quiser, e deus ajuda a quem trabalha né? A gente aqui sabe que o trabalho é pesado, acordar cedo, vender o dia inteiro. Não é todos que vão para lá. Os que vão voltam bem [...] (Roberto, 47 anos, pai de Eduardo, 23 anos, que havia ficado por duas semanas longes e acabara de retornar para casa.) (Apud. ROSAS, 2006, p.52).

A conexão entre os jovens rurais e suas famílias, fica evidente quando escutamos o relato do senhor Roberto, a “gente ta junto com eles e por isso a gente ta bem e por isso eles também estão bem”, (ROSAS, 2006, p.53). Comprovando que a mobilidade dos jovens não é algo particular, mas iniciativas combinadas para romper os cercos de invisibilidade e exclusão social, comercial, cultural. Sendo criada uma imediata sensação de saída, mas a essência do fenômeno permanece imbricada, pois a desvinculação de suas referências originais, ao contrário, a saída para a cidade é condição para ficarem no campo, como observamos:

[...] A gente está em casa, mas se tiver de sair à gente sai, querendo voltar logo, mas sai. Trabalhar longe não é problema, trabalhar longe é algo que desde muito se faz [...] para vender os nossos frutos e buscar o pão de cada dia, mas bom é estar junto dos nossos. [...] (Luciano, 28 anos, Lagoa Funda, apud. ROSAS, 2006, p.54).

¹¹ Estudo do universo dos jovens vendedores de abacaxi oriundos de Marataízes no Estado do Espírito Santo que vem trabalhar de forma precária nas ruas do Rio de Janeiro. O trabalho propõe-se pensar a condição dos jovens vendedores de abacaxi como articuladores de uma ruralidade que imbrica rural e urbano sem que seja refutada a identidade original, de rapazes da roça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pois, permanecer ou sair do campo não significa necessariamente uma derrota, o fracasso para o jovem, mas pode ser resultado de uma escolha individual ou coletiva motivada pelo desejo de manter um padrão de vida, que está ancorada nos desejos, vontades, felicidade, em uma coexistência pacífica onde, as possibilidades de morar “com a família, junto de amigos e parentes, compartilhando os mesmos códigos e valores, mas também ter acesso a determinados bens materiais e simbólicos que até recentemente, só eram disponíveis nas cidades” (CARNEIRO; GUARANÁ, 2007. p.60).

Diante destas confluências, precisamos avançar no esforço de conhecer a juventude do meio rural, para depois buscarmos perceber o que elas possuem em comum, pois o mesmo movimento que constrói dois mundos distantes e fechados percebe na juventude rural composta por um público homogêneo, e a realidade brasileira não ilustra isto, pois os jovens rurais são marcados por imensa diversidade que se manifesta em aspectos como a linguagem, os estilos musicais, os modos de vida, os tipos de roupa, os valores, disposto em um país continental com disparidades sociais, econômicas, culturais, educacionais em ambientes naturais e geográficos difusos.

Neste cenário plural, não podemos construir o entendimento superficial do abandono dos jovens das áreas rurais em detrimento da vida na cidade, para não resignar nossos esforços na construção de uma juventude estática, homogeneia, pelo contrário os jovens atuais são heterogêneos, contraditórios desde suas relações com as famílias, comunidade, interpessoais, organizacionais, escola, produção, cultural, ou seja, como caracterizar a juventude brasileira atual sem desconsiderar a heterogeneidade de comportamentos de jovens que vivem condições sociais tão desiguais em termos de renda, cor, gênero, local de moradia.

A realidade da juventude mostra-se socialmente difusa possibilitando a construção do entendimento de juventudes rurais. Mobilizar-se é romper as cercas que inviabilizam sua reprodução social, nos assentamentos, nas comunidades rurais que não foram planejados para novas famílias além dos seus pais, áreas rurais sem infraestruturas de moradia, trabalho, lazer, esporte, escola, universidade, renda. Realidade que deixa poucas alternativas para sujeitos que possuem sonhos, desejos e projetos que se inviabilizam na realidade apresentada e ao mesmo tempo se viabilizam no caminhar das suas buscas.

O jovem rural está em constante mobilização para alcançar seus sonhos e desejos, não significando o abandono da sua identidade enquanto jovem assentado, jovem do campo. Em uma “metamorfose ambulante” que reserva surpresas, de construção e desconstrução, abrindo caminhos onde antes não havia possibilidades de caminhar projetando o futuro nas contradições do presente.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY R. [et al.] **Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios.** [Periódico]. - Brasília. Brasil: Edições UNESCO, 1998. - 2. Edição. BARCELLOS
- Sérgio Botton. **As políticas públicas para a juventude rural: balanço, perspectivas e questões para o debate.** [Periódico]. - São Paulo. Brasil: Revista eletrônica: Participatório, observatório participativo da juventude, 2014. BRASIL Republica Federativa do Constituição do Brasil [Livro]. - Brasília- Brasil: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **Modos de dominação. A produção da crença,** 1972.
- CARNEIRO Maria José **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais** [Seção do Livro] // **Juventude Rural em Perspectiva.** / A. do livro Guaraná Elisa e Carneiro Maria José. - Rio de Janeiro. Brasil: NEAD. CIP- Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2007. - Vol. 1 edição.
- CASTRO Mary Garcia **Políticas Publicas por Identidades e de Ações Afirmativas. Acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes.** [Conferência] // Fórum Mundial de Educação. - São Paulo. Brasil : [s.n.], 2004.
- CHAYANOV A **La organización de la unidade económica campesina.** [Livro]. - Buenos Aires. Argentina: Ed. Nueva Vision, 1974.
- CHALHOUB Sidney **Visões de Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte.** [Livro]. - Rio de Janeiro- Brasil: Companhia das Letras, 2011. - Vol. 1 edição.
- CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista categorias e leis da dialética.** Alfa-omega, 1982.
- COSTA J. M. e ULYSSEA G. L. **O fenômeno dos jovens nem-nem.** [Seção do Livro] // Desafios à trajetória profissional dos jovens / A. do livro C.H CORSEUIL e BOTELHO R U. - Brasília. Brasil: IPEA, 2014.
- ESTEVES Luis Carlos Gil e Abramovay Miriam **Juventude, Juventudes: Pelos Outros e por elas mesmas** [Conferência] // IV Congresso Português de Sociologia. - Lisboa- Portugal: Universidade Nova Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008. - Vol. IV edição.
- ELIAS Norbert **A sociedade dos indivíduos.** [Livro]. - Rio de Janeiro. Brasil: Jorge Zahar, 1994 a.
- ELIAS Norbert **O processo civilizador** [Livro]. - Rio de Janeiro. Brasil: Jorge Zahar, 1994b.
- FERNANDES Bernardo Mançano **Movimento dos Trabalhadores Sem Terra a formação territorial no Estado de São Paulo** [Livro]. - São Paulo. Brasil: editora Hucitec, 1999. - Vol. 2 edição.
- FERNANDES. D **OIT alerta para surgimento de „geração perdida“ de jovens sem emprego.** [Relatório]. - São Paulo. Brasil: Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/08/100811_desemprego_df_rc.shtml. Paris: BBC Brasil, 2010.

- FERRARI D. L. **Agricultura familiar, trabalho e desenvolvimento no Oeste de Santa Catarina** [Relatório]. - Campinas. Brasil: Dissertação apresentada na Unicamp, 2003.
- FREZZA M, MARASCHIN C e SANTOS N.S: **Juventude como problemas de políticas públicas.** [Periódico]. - Porto Alegre, Brasil: Revista Psicologia e Sociedade, UFRGS. 2009.
- GALEANO E. **As veias abertas da América Latina** [Livro]. - Porto Alegre- Brasil: L&PM, 2012.
- GUARANÁ Elisa **Juventude Rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político.** [Periódico]. - Quito, Equador: Revista Latino Americana de Sociologia, 2009.
- GONSALVES Maria Creuza **Os Migrantes Mineiros vendedores de mandioca nas ruas de São Paulo** [Relatório]. - São Paulo: Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. USP. 2010.
- IANNI O **A era do globalismo.** [Livro]. - Rio de Janeiro. Brasil: Civilização Brasileira, 1996.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- **Censo Demográfico** [Relatório]. - Presidente Prudente. Brasil: www.censo2010.ibge.gov.br, 2010.
- THOMAZ JUNIOR Antonio **Reestruturação Produtiva do Capital no Campo, no Século XXI, e os Desafios para o Trabalho.** [Periódico]. - Presidente Prudente. Brasil: Revista Pegada Online, 2005. - n.1 e 2 : Vol. Vol. 5.
- KONDER Leandro **O que é dialética** [Livro]. - São Paulo- Brasil: Brasiliense, 1981. - Vol. 1 edição.
- LEFEBVRE H. (Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins) **A produção do espaço.** (do original: La production de l'espace.) [Livro]. - Paris, França: Éditions Anthropos, 2000, 2006. - Vol. 4° Ed..
- MDA Ministério do Desenvolvimento Agrário- **Relatório do Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável** [Relatório]. - Brasília. Brasil: MDA, 2014.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma L. **Para entender o Negro no Brasil de Hoje. História, realidades,** 2005.
- NOVAES Regina **Juventude, Juventudes - Jovens das classes C e D frente aos dilemas de sua geração** [Conferência] // Programa mais cultura audiovisual. - Brasília- Brasil: Edital FIC TV/ MAIS CULTURA, 2008. - Vol. 1 edição.
- ROSAS Eduardo Nunes Leite **Rapazes da Roça na Cidade Grande: Trabalho, Sociabilidade e Projetos** [Relatório]. - Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.
- OLIVEIRA Ariovaldo Umbelino de e (org.) MARQUES. I.M **O campo no século XXI território de vida de luta e de construção da justiça social.** [Livro]. - São Paulo. Brasil: Casa Amarela e Ed. Paz e Terra, 2004.
- OLIVEIRA L.B, RABELLO D e C.A FELICIANO. **Permanecer ou sair do campo? Um dilema da Juventude Camponesa.** [Periódico] // Revista Pegada. - Presidente Prudente. Brasil: Revista Pegada (eletrônica), 2014. - ed. 5.

- OLIVEIRA Luciano Benini de **Estudo da Juventude no Assentamento São Bento - Município de Mirante do Paranapanema – SP: Renúncia ao Território ou Resistência no Modo de Vida Camponesa?** [Relatório]. - Presidente Prudente. Brasil : Monografia de licenciatura e Bacharelado em Geografia, apresentada na Universidade Estadual Paulista “Júlia de Mesquita”- UNESP-, 2011.
- PIÑEROS Robinzon Lizarazo e THOMAZ Antônio Junior. **Juventude Rural e Controle do Trabalho. Reflexões sobre a mobilidade territorial do Trabalho no sec. XXI** [Conferência] // Crise social e crise do/no trabalho: vínculos e contradições entre estrutura e conjuntura no Brasil.. - Jardim- Brasil: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2015. - Vol. XVI Jornada do Trabalho.
- Pesquisa Secretaria Nacional da Juventude e Instituto de Boletim juventude** informa / Secretaria Nacional da Juventude e Instituto de Pesquisa [Livro]. - Brasília. Brasil: Econômica e Aplicada, 2014. - Vols. Ano 1, n. 2.
- QUIJANO A **Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina.** [Seção do Livro] // A Colonialidade do saber: etnocentrismo e ciências sociais / A. do livro LANDER E (org.). - Buenos Aires - Argentina: CLACSO, 2005. - Vol. Perspectivas Latino Americanas.
- SANTOS M. **Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção** [Livro]. - São Paulo. Brasil: Ática & Ática, 2002.
- SANTOS Milton **Por uma geografia nova.** [Livro]. - São Paulo. Brasil: HUCITEC, 1978.
- SANTOS Milton. (Organização: RIBEIRO, Wagner Costa) **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania.** [Livro]. - São Paulo. Brasil: Publifolha, 2002.
- SHANIN T. SHANIN, T. Lições Camponesas. [Seção do Livro] // **Campesinato e Territórios em disputa** / A. do livro PAULINO E. T. e FABRINI J. E. (Orgs.). - São Paulo. Brasil: Expressão Popular, 2008. - Vols. p. 23-47.
- SPOSITO M.P **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação.** [Conferência] // Seminário apresentado na XXII reunião anual da ANPED. USP. - São Paulo. Brasil: [s.n.], 1999.
- SPOSITO. Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: Editora da UNESP, 2004
- STEDILE João Pedro **A natureza do desenvolvimento capitalista na agricultura.** [Seção do Livro] // IV conferencia Internacional da Via Campesina / A. do livro CAMPESINA VIA. - São Paulo. Brasil: Disponível em: <http://base.d-p-h.info/fr/fiches/dph/fiche-dph-8244.html>, 2011.
- THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum, Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras (1998).
- THOMAZ Junior. Antonio **Dinâmicas Geográficas do Trabalho no Século XXI** (Limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos) [Livro]. - São Paulo- Brasil: [s.n.], 2009. - Vol. volume 1.
- VERRI Isabel **As definições de Invisibilidade** [Relatório]. - Presidente Prudente. Brasil: BLOG, outubro de 2014..

VIVAS. Esther. **Onde estão as Camponesas?** [Conferência]. - São Paulo. Brasil: www.mst.org.com/16104, Outubro de 2014. - p. www.mst.org/16104.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. "**Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro.**" Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: MAUAD X (2007): 21-34.